

A LITERATURA EM PERIGO? REFLEXÕES A PARTIR DE TODOROV

Salomão Campina Pinto Ramos¹

RESUMO

Esta resenha da obra *A Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov, parte da problemática acadêmica de investigar o que é, de fato, a literatura e qual o seu papel na vida social e cultural. Busca-se compreender não apenas a sua dimensão estética, mas também o seu potencial como força de transformação humana, capaz de despertar consciência crítica, ampliar horizontes e fortalecer vínculos entre indivíduos e comunidades. Nesse percurso, discutem-se questões centrais levantadas por Todorov, ampliando o debate com reflexões próprias e diálogos com outros pensadores, a fim de situar a literatura como instrumento de humanização, resistência e preservação da memória coletiva. Pretende-se, assim, mostrar que, longe de ser um mero adorno cultural, a literatura pode agir como um agente ativo na construção de significados e na formação de uma sociedade mais consciente e sensível.

Palavras-chave: Literatura; Transformação Humana; Consciência Crítica; Memória Coletiva; Humanização.

ABSTRACT

This review of *Literature in Danger*, by Tzvetan Todorov, addresses the academic issue of investigating what literature truly is and its role in social and cultural life. It aims to understand not only its aesthetic dimension but also its potential as a transformative force capable of fostering critical awareness, broadening horizons, and strengthening bonds between individuals and communities. Throughout this discussion, central questions raised by Todorov are explored and expanded with original reflections and dialogues with other thinkers, positioning literature as a tool for humanization, resistance, and the preservation of collective memory. The purpose is to show that, far from being a mere cultural ornament, literature can act as an active agent in the construction of meaning and in shaping a more conscious and sensitive society.

Keywords: Literature; Human Transformation; Critical Awareness; Collective Memory; Humanization.

¹ Advogado. Graduando em História pela FASUL. Bacharel em Direito pela Faculdade de São Lourenço/MG. Pós-graduado em Criminologia, em Perícia Judicial e Assistência Técnica Judicial, e atualmente pós-graduando em Direito Municipal. Ex-pesquisador do Departamento de Pesquisas Jurídicas da Faculdade de São Lourenço. Também tem curso Técnico em Administração pelo Estado de Minas Gerais. Atua como palestrante e já foi colunista em jornais e revistas. Possui experiência na área do Direito, com ênfase em Ciência Política, Direito Constitucional e Filosofia do Direito. Contato: salomaocampina5@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

À primeira vista, o título da obra *A Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov (1939–2017), pode soar alarmista — talvez um exagero retórico ou até um recurso de marketing. Contudo, refletir sobre o papel da literatura em nosso tempo revela que o alerta é mais pertinente do que parece. Em uma era marcada pela aceleração e pela disputa feroz pela atenção, pensar a função da literatura tornou-se um desafio urgente.

Para compreender a dimensão do problema, é preciso observar o cenário ao nosso redor. A hegemonia cultural do livro já ficou no passado. No mundo pós-contemporâneo, ele disputa espaço com inúmeros “rivais” — entre eles, as redes sociais, que ocupam de forma quase hegemônica o tempo livre, especialmente dos jovens. No Brasil, segundo pesquisa recente, o YouTube é a atividade favorita de 78% das crianças e adolescentes, seguido pelo TikTok (34%)². O consumo intenso dessas plataformas contribui para a redução da capacidade de concentração, além de gerar impactos cognitivos e sociais.

Os números sobre o uso do tempo ao longo da vida reforçam esse quadro: de acordo com estudo do Instituto Ipsos, apenas 26% do tempo de vida de um brasileiro — cerca de 15 anos — é de fato “tempo livre”. O restante é consumido por sono (30%), trabalho (23%) e uso de telas (12%)³.

Nesse ambiente nada propício à leitura, surgem outros sinais preocupantes. Dados da pesquisa *Retratos da Leitura*⁴ revelam que, pela primeira vez na série histórica, a proporção de não-leitores (53%) supera a de leitores no país. E, mesmo entre os que compram livros, o fenômeno é curioso: entre os maiores sucessos editoriais no Brasil, segundo o PublishNews⁵, estão livros de colorir — como *Bobbie Goods: Do Dia Para a Noite (Day to Night)*, que já vendeu mais de 262 mil cópias. Os clássicos da literatura, por sua vez, sequer aparecem nas listas gerais de mais vendidos.

É nesse contexto que a reflexão proposta por Todorov se torna essencial. Para o autor, a literatura é indispensável “porque ela me ajuda a viver” (2018, p. 23). Sem ela, a existência corre o risco de reduzir-se a mera sobrevivência — uma vida única, banal e árida.

2 - TERRA. YouTube e TikTok podem causar problemas cognitivos em crianças: pode desencadear depressão, ansiedade, baixa autoestima e transtornos de imagem corporal, diz especialista. Terra, Redação Homework, 9 abr. 2024 (atualizado às 14h56). Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/criancas/youtube-e-tiktok-podem-causar-problemas-cognitivos-em-criancas,1946f193fe587ecc1cb2b49a97032fd4sgl7h30i.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.

3 - MARC-CINI, Gabriela. Brasileiros têm apenas 26 % do tempo livre ao longo da vida, diz estudo. CNN Brasil, 5 set. 2024 (atualizado em 5 set. 2024). Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasileiros-tem-apenas-26-do-tempo-livre-ao-longo-da-vida-diz-estudo/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

4 - PUBLISHNEWS. 53 % dos brasileiros não leem livros, aponta Pesquisa Retratos da Leitura 2024. PublishNews, Redação, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/11/19/53-dos-brasileiros-nao-leem-livros-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura-2024>. Acesso em: 10 ago. 2025.

5 - PUBLISHNEWS. Lista de Mais Vendidos Geral de 2025 – PARCIAL. PublishNews, [s.d.]. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2025/0/0>. Acesso em: 10 ago. 2025.

2. A CATEDRAL DE PALAVRAS: A ARQUITETURA DE A LITERATURA EM PERIGO

A vida de um intelectual é marcada por uma série de eventos, e um desses acontecimentos — talvez o mais significativo — é a consagração de uma obra como *magnum opus*, aquela que o coloca no panteão dos grandes estudiosos. Foi exatamente o que ocorreu em 2007 com o historiador e ensaísta búlgaro Tzvetan Todorov (1939 – 2017), com a publicação de *A Literatura em Perigo*⁶, lançada no Brasil em 2009.

A estrutura do livro assemelha-se a uma catedral: não é construída de forma casual, mas com rigor e harmonia. A fortuna crítica da obra é enriquecida pelo Prof. Caio Meira (1966 –), tradutor, e pelo Prof. Jorge Coli (1947 –), e a composição inclui prólogo, sete capítulos e notas que conferem densidade e rigor a este ensaio instigante.

Na apresentação escrita por Caio Meira, destaca-se uma ideia central do escritor americano Henry James (1843–1916):

[...] a obra literária é um organismo vivo, para que a teoria e a crítica literárias formadoras dos professores de literatura não matem seu paciente prematuramente no espírito dos futuros leitores, ou seja, para que o próprio leitor não morra como leitor. (TODOROV, 2018, p. 11–12)

A literatura, portanto, não é uma ciência estática, ortodoxa ou imutável; é móvel, heterodoxa e mutável. Ela é, antes de tudo, um “ser” vivo — o “homem em letras” — expressão máxima da humanidade. O Prof. Meira reforça ainda a tônica central do livro com uma frase memorável:

Se o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo. (TODOROV, 2018, p. 12)

O texto literário é, assim, um universo próprio, onde mundos, vidas e personagens se desdobram diante do leitor. O poder das letras transforma o ser humano, enriquecendo seus pensamentos e sua vida, deixando para trás toda pobreza intelectual ou emocional.

No prólogo, Todorov compartilha mais do que uma simples mensagem: revela a gênese de sua própria existência intelectual:

Por mais longe que remontem minhas lembranças, sempre me vejo cercado de livros. Como meus pais eram ambos bibliotecários, havia sempre muitos livros em minha casa. (TODOROV, 2018, p. 15)

Esse relato evidencia a importância de um lar que oferece não apenas afeto, mas também condições de cultivo intelectual e estético. A experiência da leitura precoce marcou profundamente sua trajetória:

Um dia, aos oito anos, li um romance inteiro; devo ter ficado muito orgulhoso com o fato, pois escrevi em meu diário: ‘Hoje, li Sobre os Joelhos do Meu Avô, livro de 223 páginas, em uma hora e meia!’ (TODOROV, 2018, p. 15)

6 - *La Littérature en Péril*, (Tzvetan Todorov évoque son passé, personnel et intellectuel), Paris, Flammarion, 2007.

Momentos como esse são decisivos na formação de um intelectual. Todorov demonstra que, embora a vida de um homem de letras seja marcada por conquistas, ela também inclui obstáculos, desafios que,

por vezes, são determinantes para separar as experiências formativas da infância das responsabilidades e descobertas da vida adulta.

3. O PRÓLOGO DA VIDA DE TODOROV

A infância cercada de livros e o estímulo constante à leitura não apenas moldaram o gosto literário de Todorov, mas também estabeleceram as bases de seu pensamento crítico e sensível. Desde cedo, ele compreendeu que a literatura não é apenas entretenimento, mas um território fértil para a imaginação, a reflexão e a compreensão do mundo. Como ele mesmo relata:

Durante o primário e o ginásio, continuei a venerar a leitura. Entrar no universo dos escritores, clássicos ou contemporâneos, búlgaros ou estrangeiros, cujos textos passei a ler em versão integral [...] (TODOROV, 2018, p. 15–16).

Esses primeiros contatos com a leitura foram decisivos, consolidando nele a convicção de que o texto literário possui um poder transformador, capaz de ampliar horizontes e enriquecer a experiência humana. Mesmo inseguro quanto ao futuro, Todorov decidiu, ao final do ensino médio, seguir carreira em Letras:

Apesar de inseguro acerca das consequências, foi ainda assim sem hesitação que, ao final do ensino médio, escolhi minha carreira universitária: estudaria Letras. Entrei para a Universidade de Sófia, em 1956; falar de livros seria a minha profissão. (TODOROV, 2018, p. 16).

Contudo, nem tudo seria um “mar de rosas”. Todorov logo percebeu que sua nação, a Bulgária, integrava o bloco comunista, e que os estudos de ciências humanas estavam submetidos à ideologia oficial. Nos cursos de literatura, metade do conteúdo era erudição e a outra metade propaganda: as obras eram avaliadas segundo sua conformidade ao dogma marxista-leninista.

Era preciso mostrar de que forma esses escritos ilustravam a boa ideologia – ou, então, como eles falhavam em fazê-lo (TODOROV, 2018, p. 16).

Diante desse contexto, Todorov buscou uma alternativa para preservar sua liberdade intelectual, concentrando-se na materialidade do texto e em suas formas linguísticas, sem submeter-se à ideologia dominante:

Como falar de literatura sem ter de me curvar às exigências da ideologia dominante? Tomei um dos raros caminhos em que era possível escapar da militância geral. Essa via consistia em tratar de objetivos sem cerne ideológico: ou seja, nas obras literárias, abordar a própria materialidade do texto, suas formas linguísticas. (TODOROV, 2018, p. 17)

Sua estratégia mostrou-se eficaz, permitindo que sua monografia fosse aprovada sem problemas. Logo surgiu uma oportunidade decisiva: viajar para a Europa, e em especial para Paris, cidade das artes e das letras:

Surgiu a oportunidade de partir um ano ‘para a Europa’, como dizíamos na época, isto é, passar ao outro lado da ‘cortina de ferro’. Escolhi Paris, cuja reputação – cidade das artes e das letras! – me fascinava. (TODOROV, 2018, p. 18)

Em Paris, Todorov encontrou um ambiente propício para seu amor pela literatura, livre das restrições do regime búlgaro. No entanto, sua reflexão sobre a literatura não se restringiu à experiência pessoal; ele aprofundou sua compreensão do texto literário como um fenômeno vivo e dinâmico:

A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes. (TODOROV, 2018, p. 22)

Para Todorov, a literatura é algo vivo, capaz de conectar experiências, revelar novos mundos e ampliar a compreensão da vida:

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. [...] ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. [...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. (TODOROV, 2018, p. 23)

Assim, a literatura emerge como uma força essencial para a humanidade: uma ponte entre indivíduos, experiências e saberes. Ela não é mero entretenimento; é um instrumento de enriquecimento pessoal e coletivo, que permite ao ser humano responder à sua própria vocação: viver de maneira plena, sensível e consciente. Como Todorov enfatiza:

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. (TODOROV, 2018, p. 23–24)

A trajetória de Todorov mostra que a literatura é, acima de tudo, um espaço de liberdade e resistência. Desde a infância até a experiência acadêmica na Bulgária e a consolidação intelectual em Paris, Todorov compreendeu que o valor da literatura não está apenas no que se lê, mas na forma como ela nos transforma e nos conecta com o mundo.

Em *A Literatura em Perigo*, o autor nos lembra que a sobrevivência da literatura depende de leitores e escritores que reconheçam sua força vital — capaz de enriquecer o pensamento, despertar a imaginação e preservar a humanidade diante de regimes, ideologias ou qualquer tentativa de confinamento da palavra e do espírito.

4. A ARTE DE LER EM TEMPOS DIFÍCEIS

Ler em tempos de burocratização da literatura é, de fato, uma tarefa difícil. Difícil porque justamente a melhor fase da vida para se encantar com os livros — a infância e a adolescência — acaba se tornando um período cinzento, onde, em vez de poemas e romances, coloca-se nas mãos dos estudantes a frieza da análise e da burocracia escolar.

Como afirma Todorov:

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos. (TODOROV, 2018, p. 27)

O que se perde, aqui, é o contato direto com o texto literário. Em vez de viver a experiência da leitura, o estudante é conduzido a estudar interpretações já prontas, distanciando-se do coração da obra. A leitura, nesse modelo, torna-se um exercício estéril, incapaz de despertar a paixão pela literatura.

Todorov alerta ainda que:

Todos esses objetos de conhecimento são construções abstratas, conceitos forjados pela análise literária, a fim de abordar as obras; nenhuma diz respeito ao que falam as obras em si, seu sentido, o mundo que elas evocam. (TODOROV, 2018, p. 28)

Assim, a obra perde sua vitalidade e se reduz a mera abstração. O aluno deixa de ser leitor de uma obra viva para se tornar leitor de comentários, de fragmentos filtrados pela crítica. Nesse cenário, a literatura deixa de ser descoberta e prazer e se transforma em obrigação e técnica.

O risco disso é claro:

Os alunos serão interrogados sobre o papel de tal personagem, de tal episódio, de determinado detalhe na busca pelo Graal, mas não sobre a própria significação dessa busca. Serão feitas questões sobre O Processo pertence ao registro cômico ou ao do absurdo, em lugar de procurar o lugar de Kafka no pensamento europeu. (TODOROV, 2018, p. 29–30)

A crítica de Todorov é contundente: reduzir a literatura a meros detalhes formais ou classificações é aniquilar o seu poder transformador. O estudante deixa de se perguntar sobre a essência da obra — o que ela revela sobre o ser humano, sobre o mundo, sobre a vida — para se preocupar apenas com o “conteúdo cobrado na prova”.

Nessa perspectiva, a literatura corre o risco de se tornar irrelevante, afastando leitores em vez de formá-los. Todorov recorda, com humildade e sabedoria, que mesmo os especialistas e críticos dependem da grandeza dos autores e de suas obras:

Nós – especialistas, críticos literários, professores – não somos, na maior parte do tempo, mais do que anões sentados em ombros de gigantes. (TODOROV, 2018, p. 31)

Essa imagem é poderosa: somos pequenos diante dos grandes escritores que moldaram a cultura, mas é justamente sobre os ombros deles que podemos enxergar mais longe. Esquecer disso significa perder a essência da própria crítica e do ensino literário.

Por fim, Todorov conclui com uma advertência que deve guiar a todos os que se dedicam ao ensino e à difusão da literatura:

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (‘nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação’), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequências o amor à literatura. (TODOROV, 2018, p. 33)

A “arte de ler em tempos difíceis” exige recuperar a centralidade da obra literária, devolvendo ao estudante a experiência do encontro direto com o texto. Quando a literatura é reduzida a esquemas técnicos

e classificações formais, perde-se sua dimensão vital, aquela que Todorov insiste em resgatar: a capacidade de transformar, iluminar e enriquecer a vida.

Em última análise, a literatura não é feita para provas ou sistemas burocráticos, mas para seres humanos que buscam compreender-se a si mesmos e ao mundo. O desafio, portanto, é não permitir que a escola e a crítica matem aquilo que a literatura tem de mais precioso: o poder de ajudar-nos a viver.

5. MUITO ALÉM DAS SALAS DE AULA

Compreender a origem de um problema é o primeiro passo para buscar soluções consistentes. Foi exatamente esse o caminho seguido por Tzvetan Todorov ao refletir sobre a crise da literatura. Sua investigação não se limitou a apontar sintomas, mas buscou identificar a gênese de um processo de esvaziamento do ensino literário.

Como aconteceu de o ensino de literatura na escola ter se tornado o que é atualmente? Pode-se, inicialmente, dar a essa questão uma resposta simples: trata-se do reflexo de uma mutação ocorrida no ensino superior. (TODOROV, 2018, p. 35)

Para Todorov, a escola é diretamente influenciada pela universidade. As mudanças metodológicas e epistemológicas que emergem nos cursos superiores acabam se irradiando para a educação básica, configurando uma dinâmica quase inevitável. Se as universidades transformam sua forma de conceber e ensinar literatura, o reflexo imediato será sentido no corpo docente e nos currículos escolares.

Esse processo de transformação, segundo o autor, está intimamente ligado ao impacto do movimento de Maio de 1968:

O espírito de Maio de 68, que não tinha propriamente em si nada a ver com a orientação dos estudos literários, transformou as estruturas universitárias e modificou profundamente as hierarquias então existentes. (TODOROV, 2018, p. 37)

O espírito revolucionário da época rompeu paradigmas, abalou estruturas e desestabilizou hierarquias, mas acabou também gerando efeitos colaterais. Em nome da crítica às tradições acadêmicas, o estudo da literatura passou a ser compreendido não mais como expressão de pensamento e sensibilidade, mas como objeto de análise técnica e estrutural.

A tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade tampouco como interpretação do mundo. (TODOROV, 2018, p. 38)

Nesse contexto, o ensino literário perdeu sua dimensão vital. Se a literatura deixa de ser reconhecida como interpretação do mundo e expressão da condição humana, o que resta é um ensino recluso, fechado em tecnicismos, incapaz de dialogar com a experiência real dos leitores.

Sem qualquer surpresa, os alunos do ensino médio aprendem o dogma segundo o qual a literatura não tem relação com o restante do mundo, estudando apenas as relações dos elementos da obra em si. (TODOROV, 2018, p. 39)

Essa ruptura entre literatura e vida produz um efeito devastador: a formação de leitores incapazes de compreender a potência humanizadora da arte literária. O estudo se torna estéril, um exercício de memorização de conceitos secundários, e não uma via de enriquecimento da existência.

Todorov alerta que essa concepção reducionista não se limita ao ambiente escolar. Ela se espalha como um paradigma cultural, afetando a crítica literária, o jornalismo cultural e até mesmo o modo como alguns escritores concebem sua prática:

A concepção redutora da literatura não se manifesta apenas nas salas de aula ou nos cursos universitários; ela também está representada de forma abundante entre os jornalistas que resenham livros, e mesmo entre os próprios escritores. (TODOROV, 2018, p. 41)

Assim, a crise da literatura não é apenas pedagógica: é civilizacional. Ao reduzir a literatura a mero objeto de técnica e abstração, corremos o risco de amputar sua força essencial — a capacidade de humanizar, ampliar horizontes, despertar a imaginação e enriquecer a vida.

Todorov nos convida a ir muito além das salas de aula: resgatar a literatura como experiência de mundo, como encontro com a alteridade e como alimento da sensibilidade. Negar isso é condenar não apenas a literatura, mas também o próprio leitor a uma existência empobrecida.

CONCLUSÃO

A análise de *A Literatura em Perigo* demonstra que o alerta de Todorov permanece atual e necessário. Sua reflexão ultrapassa o campo da crítica literária e assume a forma de uma advertência cultural: a literatura corre o risco de perder seu lugar no mundo contemporâneo, seja pela hegemonia das tecnologias digitais, seja pela própria redução burocrática e tecnicista do ensino.

O percurso intelectual e existencial de Todorov — da infância cercada de livros na Bulgária comunista à maturidade intelectual em Paris — revela uma convicção fundamental: a literatura é, antes de tudo, uma experiência vital, capaz de enriquecer a vida humana e de oferecer ao leitor não apenas conhecimento, mas compreensão, sensibilidade e abertura ao outro.

Ao longo da obra, Todorov denuncia a tendência de transformar a literatura em objeto de estudo fechado, reduzido a análises formais ou classificações secundárias. Nesse processo, perde-se a essência: a capacidade de a literatura iluminar a existência, revelar novas possibilidades de ser e expandir horizontes de vida. Como o autor afirma, “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2018, p. 23).

Nesse sentido, a crise não é apenas pedagógica, mas civilizacional. Ao esvaziar o sentido da literatura, a escola e a universidade acabam formando não leitores, mas técnicos da leitura, incapazes de experimentar a força humanizadora dos textos. Tal postura repercute na crítica, no jornalismo e até na própria produção literária, consolidando um círculo vicioso de distanciamento entre o leitor e a obra.

Portanto, recuperar a centralidade da literatura significa resgatar sua função essencial: ajudar-nos a viver, compreender e transformar a realidade. Isso exige romper com práticas reducionistas e devolver ao texto literário sua potência de diálogo com a vida. Mais do que nunca, reafirmar o valor da literatura é um gesto de resistência cultural e de defesa da própria humanidade.

Todorov nos lembra que “nós não somos mais do que anões sentados em ombros de gigantes” (2018, p. 31). Reconhecer essa condição é reconhecer que a literatura nos antecede, nos transcende e nos

guia. Proteger sua vitalidade é, em última instância, proteger a própria condição humana em tempos de crise de sentido.

REFERENCIA

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Tradução de Caio Meira. 8. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2018.